



GT 007. Antropoéticas: outras (etno)grafias

Patrícia dos Santos Pinheiro (Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB) - Coordenador/a, Flávia Maria da Silva Rieth (DAA/ICH/UFPEL) - Coordenador/a, Cláudia Turra Magni (Universidade Federal de Pelotas) - Debatedor/a, Marília Floôr Kosby (Universit  de Liege) - Debatedor/a

O Grupo de trabalho Antropo ticas: outras (etno)grafias visa reunir pesquisadoras/es que realizem trabalhos voltados ao tensionamento e ? atualiza??o das formas de experimenta??o de linguagens e metalinguagens no desenvolvimento de processos e resultados de pesquisa em antropologia e ?reas afins. O mapeamento, a experimenta??o e a descoberta de alternativas e recursos criativos que bem se relacionem com a etnografia enquanto textualidade implicada em uma arte descritiva - tal como Tim Ingold prop?e que se pense a Antropologia ? s?o movimentos capazes de desestabilizar e promover a quebra de fronteiras entre ensino/pesquisa/extens?o, potencializando di?logos, interesses e desejos m?tuos entre conhecimentos acad?micos formais e conhecimentos populares anti-hegem?nicos. Assim, este Grupo de Trabalho pretende fomentar a discuss?o acerca de experimenta?es que aproximem a etnografia daquilo que a escritora brasileira Concei??o Evaristo chama de escreviv?ncias, o que nos reporta ? no??o de conhecimentos situados por corpos hist?rico-pol?ticos (Haraway, 1988). No sentido de levar a s?rio a atitude epistemol?gica de se ver a cultura como criactivity (Wagner, 1975), s?o aliados o teatro, a poesia, o desenho, o cinema e tantas outras performances cuja legitima??o, enquanto metodologias potentes para a produ??o de conhecimento na ?rea de Antropologia, ainda tem muito a ser reivindicada.

"Desengano da vista   v ": escrita antropol?gica rec?ncava

Autoria: Maíra Cavalcanti Vale

Ao longo de dois anos e meio de work de campo em Cachoeira, uma cidade do rec?ncavo baiano, aprendi o que muitos cursos de metodologia n?o ensinam: a responsabilidade de entrar na vida das pessoas. Como efetivamente levar a sério essa responsabilidade? Como trazer a vida aprendida no mundo para os nossos textos etnogr?ficos? Como torná-los acessíveis para outras pessoas, n?o-antrop?logas?   com quest?es como essas que procuro deixar a vida contaminar o texto. O cachoeirano Tical, mais conhecido como Babado, uma vez me falou que o mundo era espiritual e que havia uma guerra espiritual em Cachoeira. Com Babado e outras pessoas da cidade eu aprendi que havia presenças, donas e donos das esquinas, encruzilhadas, matas, caminhos e estradas. É preciso pedir licença a elas para entrar no seu espaço. Aprendi na academia que eu precisava escrever esse mundo, mas foi em Cachoeira que compreendi que n?o devia ousar explic -lo a partir de uma forma analítica a ele estrangeira. Mas como ent?o escrever teoria antropol?gica sem explicar o mundo aprendido? Proponho refletir sobre esta quest?o por meio de um experimento: olhar a teoria antropol?gica da forma como Mãe Dionízia dos Santos, mãe de santo do terreiro Oi  Mucumbi, no bairro da Faceira, faz com os seus búzios. Um dia ao responder a uma pergunta qualquer, ela me disse: "tem que olhar, minha filha, desengano da vista   v ". Pensando em forma, pretendo construir uma linguagem narrativa em que o campo contamine a forma da escrita, desenganando a vista da teoria.



Realização:



Apoio:



Organização:

